



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS DE GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA IVONETE SANTOS MAIA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE INDISCIPLINA ESCOLAR NO
5º E 6º ANO DA E. E. E. F. DEP. GUSTAVO AMORIM DA COSTA,
MUNICÍPIO DE GUARABIRA – PB**

GUARABIRA

2014

MARIA IVONETE SANTOS MAIA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE INDISCIPLINA ESCOLAR NO
5º E 6º ANO DA E. E. E. F. DEP. GUSTAVO AMORIM DA COSTA,
MUNICÍPIO DE GUARABIRA – PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^ª Msc. Patrícia da Conceição Dornellas da Silva Xavier

GUARABIRA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M217r Maia, Maria Ivonete Santos
Representações sociais sobre a indisciplina escolar no 5º e 6º ano da E. E. E. F. Dep. Gustavo Amorim da Costa, Município de Guarabira PB [manuscrito] : / Maria Ivonete Santos Maia. - 2014.
30 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Patrícia da Conceição Dornellas da Silva Xavier, Departamento de EDUCAÇÃO".

1. Indisciplina escolar. 2. Escola. 3. Educação. I. Título.

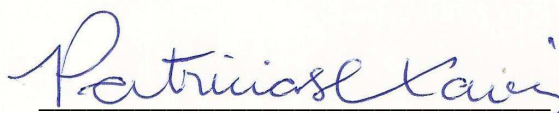
21. ed. CDD 370

MARIA IVONETE SANTOS MAIA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE INDISCIPLINA ESCOLAR NO 5º E 6º ANO
DA E. E. E. F. DEP. GUSTAVO AMORIM DA COSTA, MUNICÍPIO DE
GUARABIRA – PB**

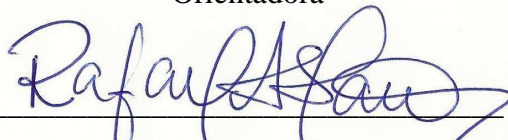
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 26 /07/2014.



Prof. Ms. Patrícia da Conceição Dornellas da Silva Xavier/ UEPB

Orientadora



Prof. Dr. Rafael Albuquerque Xavier / UEPB

Examinador



Prof. Dr. João Damasceno / UEPB

Examinador

A toda minha família que carregam por mim o amor e o entusiasmo de ser uma pessoa melhor. A todos os colegas e professores que carregam consigo o amor pela educação e sabem que o momento de aprendizagem é um momento único, dedico.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, sentido do meu existir por estar comigo em todos os momentos, por deixar meu coração em paz, até quando o tempo parece ter acabado, por ser meu amigo, meu pai, meu Senhor. Ao meu esposo e filhos que sempre acreditaram em mim, amaram-me e me ajudaram a ser uma pessoa melhor. A minha mãe que trabalhou muito para que eu pudesse estudar e hoje estar aqui. Aos meus amigos e amigas, em especial Penha Pontes, que me deram muita força para que eu fosse em frente que ajudaram-me e acreditaram em mim. A minha orientadora Patrícia Dornellas que construiu comigo este trabalho e me ajudou a mergulhar no desafio da construção do conhecimento científico. Sou muito feliz pelo o que eu sou. E o que sou devo ao meu Deus e a vocês.

Muito obrigada.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar como ocorre a indisciplina, de que forma os alunos e professores veem a indisciplina, como são punidas na escola e quais maneiras ou propostas de diminuir a indisciplina na escola. Foram entrevistados 40 alunos do 5º e 6º ano na E. E. E. F. Dep. Gustavo Amorim da Costa, Município de Guarabira. É possível perceber que a indisciplina aparece como um comportamento inadequado do aluno frente as regras ou normas da escolas e cujas causas incluem fatores de ordens sociologizante, psicologizante e do campo pedagógico com predominância dos primeiros. Neste sentido, o diálogo é a forma mais eficaz para lidar com a indisciplina do aluno, mas utilizam também outras formas, tais como, suspensão.

Palavras chaves: Indisciplina escolar. Escola. Educação.

ABSTRACT

This research aimed to investigate how indiscipline, how students and teachers see indiscipline, as are punished in school and what proposals or ways to reduce indiscipline in school occurs. 40 students in the 5th and 6th grade were interviewed in E. E. E. F. Dep. Gustavo Amorim da Costa, City of Guarabira. You can tell that indiscipline appears as an inappropriate student behavior across the rules or standards of schools and whose causes include sociologizing, psychologizing and pedagogical field orders with a predominance of the first factors. In this sense, the dialogue is the most effective way to deal with the discipline of the pupil, but also using other shapes, such as suspended.

Key words: school indiscipline. School.Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....08

CAPITULO I

1. INDISCIPLINA ESCOLAR.....09

CAPITULO II

2. DIAGNÓSTICO DA INDISCIPLINA ESCOLAR NA E. E. E. F. DEP. GUSTAVO
AMORIM DA COSTA.....21

CAPITULO III

3. PROPOSTAS PARA SE TRABALHAR A INDISCIPLINA ESCOLAR, A PARTIR DOS
RESULTADOS OBTIDOS.....26

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....28

REFERÊNCIAS.....29

APÊNDICES

INTRODUÇÃO

Por receber alunos de vários lugares, de variedades características: a escola é, por excelência, ambiente socializador e esta é, a importância de se ter claro sua parcela de contribuição na formação moral de seus alunos. O professor, no caso, tem a função de colaborar para que isso efetive. Deve propiciar experiências entre pares com bases na cooperação, construindo um ambiente com regras coerentes e justas. Também, deve se questionar sobre a coerência das regras da própria escola.

Nega-se desta forma, a disciplina com vista a obediência, através do uso de métodos coercitivos onde impera o respeito unilateral. Estamos, também, negando o fortalecimento da heterônoma que impõe regras, que inibe trocas entre pares onde o sábio é o professor, aquele que organiza e ordena.

É necessário esclarecer que, através desta concepção não estamos defendendo um ensino moralista. Pelo contrário, defendemos a ideia de que a escola exerce influência sobre a formação moral de seus alunos e que, portanto, deve estar apta a fazê-lo de forma a objetivar o seu desenvolvimento moral, segundo a concepção de Piaget e seguidores a esse respeito.

Neste sentido, se faz necessário uma investigação mais aprofundada sobre indisciplina escolar desvelando-os significados atribuídos ao termo, tornando possível identificar discursos cristalizados no ambiente escolar do tipo: “esse é o aluno problema” ou ainda “o problema dele é familiar”, entre outros. Esta pesquisa possibilitará ao profissional abrir espaço para que esses conceitos e discursos possam ser revistados e repensados e, quem sabe, reconstruídos.

Faz-se necessário, portanto, uma explanação sobre a concepção de indisciplina que guiará o trabalho, além de enfatizar a importância da teoria das representações sociais como guia na teoria metodológica desta investigação.

Este trabalho tem como objetivo compreender como alunos do 5º e 6º ano e professores representam a indisciplina escolar. Analisar as causas atribuídas pelos diferentes sujeitos a indisciplina escolar. Investigar que tipos de consequências são atribuídos à indisciplina escolar. Investigar quais práticas os sujeitos desenvolvem para lidar com a indisciplina. Compreender em que se ancora a representação do grupo investigado e como são objetivadas essas representações.

CAPITULO I – INDISCIPLINA ESCOLAR

Nas últimas décadas os problemas de disciplina nas escolas tornaram-se um dos principais desafios aos objetivos educacionais. Entre os educadores essa questão se apresenta como obstáculo complicador do trabalho pedagógico. Os atos considerados indisciplinados deixaram de ser encarados como esporádicos e particulares no cotidiano das escolas para se tornarem talvez uma das razões mais nucleares do alegado desgaste ocupacional dos profissionais da educação (AQUINO, 1996; VASCONCELOS, 1994).

Apesar da atualidade que envolve o tema, é preciso assimilar que essa preocupação não é nova. A manutenção da disciplina na escola é uma preocupação evidenciada em vários textos de Platão (como protogaras ou as Leis) assim como em confusão de santo Agostinho, isso indica que a “(indisciplina)” é um fenômeno escolar, tão antigo como a própria escola e tão inevitável com ela (Estrela, 1994, p.11-12). Apesar de a indisciplina ter estado desde sempre presente no campo pedagógico, o tema tomou maior visibilidade entre os pesquisadores a partir dos anos de 1990 e isso se faz notar pelo aumento das publicações voltadas para essa temática em meados dessa década (AQUINO, 1996; ESTRELA, 1994).

Segundo Garcia (1999) a “indisciplina tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula”. Porém, ela vai mais além, pois constitui não apenas num “problema”, mas também insinua algo que deve ser observado no ambiente escolar e na própria necessidade de avanço pedagógico e institucional.

Para fins de desenvolvimento conceitual, a noção de Indisciplina será considerada através de três de seus Principais planos de expressão na escola. De um lado, é possível situá-la no contexto das condutas dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, seja dentro ou fora da sala... dos processos desocialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola, na relação com seus pares e com os profissionais da educação, no contexto do espaço escolar com suas atividades pedagógicas. Patrimônio, ambiente, etc. Finalmente, é preciso Pensar a indisciplina no contexto do desenvolvimento Cognitivo dos estudantes. Sob esta perspectiva. Define-se indisciplina como a incongruência entre os Critérios e expectativas assumidos pela escola (que Supostamente refletem o pensamento da comunidade Escolar) em termos de comportamentos, atitudes, Socialização, relacionamentos e desenvolvimentos Cognitivos e aquilo que demonstram os estudantes (GARCIA, 1999).

O autor afirma ainda que tem três forma de ver a indisciplina na escola, na conduta dos alunos (socialização e relacionamento),no espaço escolar e no desenvolvimento cognitivo do estudante. Assim existem várias formas de refletir sobre a indisciplina, mas todas

valorizam um estudante como um ser que busca algo mais na escola. Segundo Silva (2013) a indisciplina traz conseqüências negativas ao meio social e familiar.

Problemas familiares trazem como consequência a desorganização emocional não apenas do indisciplinado, mas também das pessoas que com ele convivem. E conseqüentemente gera turbulências na escola, como conflitos envolvendo o professor e o aluno, além de prejudicar o ensino-aprendizagem dele e dos outros.

De acordo com Garcia (1999) “os professores desenvolvem representações sobre indisciplina, bem como sobre o que seria um aluno indisciplinado. A primeira questão contém o objeto deste artigo, mas há diversas implicações teóricas a considerar em relação a essa última questão, que nos parece solicitar a investigação sobre as representações dos professores em relação à indisciplina e aos indisciplinados na escola”. Neste sentido, observa-se as diferentes formas de o professor ver o aluno e a indisciplina escolar. Giancaterino (2007, p.97) assinala que:

(...) A indisciplina na sociedade conduz na maioria das vezes, a delinquência e, mais tarde, ao crime. Uma criança ou um adolescente que desconhece normas de uma vida regular tem tendências de tornar-se um jovem problemático. Muitos deles começam. Já na adolescência, uma vida desregrada parte para o crime e é problema para a família e para a própria sociedade.

Silva (2013) afirma que “é importante que os pais participem mais da formação ética e moral de seus filhos para que estes ao estarem em contato com o meio social reproduzam o que lhes foi ensinado sem gerar conflitos”. Mas, em nossa realidade social os pais ou responsáveis transferem para a escola toda, ou quase toda, a responsabilidade da educação de seus filhos, estabelecerem limites e desenvolver hábitos básicos. Muitas vezes esses pais esquecem-se que é de responsabilidade da família o maior exemplo que direcionarão e influenciarão na conduta dos alunos como um ser pensante e participativo na sociedade.

A indisciplina está na contramão dessa concepção, ela se desdobra em forma de violência simbólica em todas as pontas da teia, os alunos ao serem excluídos pelos educadores e taxados como “problemas”, visualizam a falta de credibilidade dos adultos em sua vida. À medida que a escola torna-se um espaço de desinteresse para a criança e para o jovem, esta perde sua principal função de transmissora e socializadora do conhecimento. O sentimento de desajuste a vida escolar traz por parte dos alunos e dos pais, a desvalorização do profissional da educação que sofre uma minimização e desconsideração de seu papel no interior desse

processo. Logo a escola torna-se um campo de pequenas batalhas cotidianas. De acordo com Aquino (1996, p.8):

“A imagem entre nós, já quase idílica, da escola como lócus de fomentação do pensamento humano- por meio da recriação do legado cultural- parece ter sido substituída, grande parte das vezes, pela visão difusa de um campo de pequenas batalhas civis; pequenas, mas visíveis o suficiente para causar uma espécie de mal estar coletivo nos educadores brasileiros”.

Os autores nos levam a concluir que o descumprimento do aluno e do professor criam estereótipos uns dos outros fazendo com que o diálogo seja impossível de se estabelecer. Creio que a referência que Tacca (2006,p.199) faz a Vygotsky auxilie a necessidade do comprometimento de todas as partes envolvidas em um processo de ensino:

“Para o enfrentamento de situações onde aparecem divergências de pontos de vista ou aquelas em que não há clareza de posições assumidas haverá, portanto a necessidade de se buscar os motivos e interesses imbricados no pensamento de cada um, pois só isso conduzirá a reciprocidade e a integração produtivas, tão necessárias para o alcance do objetivo comum. Vygotsky propõe que para entender o discurso do outro, nunca é necessário entender apenas umas palavras; precisamos entender o seu pensamento. Mas é incompleta a compreensão do pensamento do interlocutor sem a compreensão do motivo que o levou a emití-lo. De igual maneira na análise psicológica de qualquer enunciado só chegamos ao fim quando descobrimos esse plano interior último e mais encoberto do pensamento verbal a sua motivação”.

A comunicação acontece, então, quando são realizadas trocas e se cada interlocutor se dispõe a compreender o outro, além daquilo que este consegue verbalizar, o que implica considerar a sua subjetividade na confluência de sentidos subjetivos que emergem na situação relacional. O que nos mostra, segundo essa linha, que para que haja um real processo de conhecimento deve haver essa integração entre os seus agentes, com isso possibilitando a compreensão do pensamento do outro, feita por meio de trocas.

Aquino (1996) nos remete à responsabilidade da escola enquanto instituição, que não está preparada para receber o aluno que a procura hoje. Denuncia práticas excludentes da escola que, por si só e pelo confronto com os alunos, produz a indisciplina e, assim, aponta para uma não evolução da escola, diante das mudanças sócio-históricas.

Dessa forma, Aquino (1996) discute que a escola passa a receber sujeitos não homogêneos, provindos de diferentes classes sociais, com diferentes histórias de vida e com uma “bagagem” que muitas vezes é negada pela escola.

Outra perspectiva a ser abordada é a da psicologia da moralidade. Através desta perspectiva Yves de La Taille (1996), defende que quando a disciplina é relacionada ao

cumprimento de normas, a indisciplina pode ter relação com a desobediência às normas; porém, aponta que a não observância das normas tem dois motivos, a revolta contra as normas ou o desenvolvimento delas.

Assim tanto Yves de La Taille (1996) como Araújo (1996), baseados na perspectiva piagetiana defendem que o desrespeito às normas pode ser sinal de autonomia, significando resistência as imposições e ao autoritarismo.

Não negam, entretanto, que a indisciplina tenha vínculos com a educação moral recebida; com o modo que se dá a relação professor-aluno; tampouco, com a existência de um currículo oculto excludente e as imposições da escola. Pelo contrário, a partir destas análises promovem discussões que buscam indicar caminhos para a resolução ou amenização de um conflito que pode e deve ser trabalhado através de uma abordagem que enfoca o desenvolvimento do aluno enquanto ser moral.

Embasados no desenvolvimento moral segundo Piaget em La Taille (1996); a cooperação a solidariedade e o respeito mútuo são valores que devem fazer parte do cotidiano escolar, das relações interpessoais na escola.

Piaget em La Taille (1996), defende que temos duas alternativas: formar personalidades livres ou conformistas. Se o objetivo da educação for o de formar indivíduos autônomos e cooperativos, é necessário propiciar que ele se desenvolva em um ambiente de cooperação.

Portanto é inevitável que a educação moral esteja presente na formação do ser humano enquanto indivíduo e que, conseqüentemente, um dos fins da educação deva ser, justamente, o desenvolvimento pleno do educando, ou seja, de suas funções mentais, através da aquisição de conhecimentos e da aquisição de valores morais.

Partindo de uma perspectiva que analisa a organização e função da escola, a perspectiva institucional, Aquino (1996) aponta que a normatização atitudinal não deveria ser o foco de trabalho escolar. Segundo ele, esta tarefa é, essencialmente, da família.

Para Aquino (1996), a tarefa docente encerra-se no conhecimento acumulado e, esta já é uma tarefa difícil de ser executada. Aponta que a solução pode estar na forma como se dá a relação professor-aluno. O mesmo, ou seja, nos vínculos que se estabelecem nas relações cotidianas. Aponta, como solução o desenvolvimento de um trabalho fundado no resgate da moralidade discente, através da relação com o conhecimento.

Aquino (1996) nos aponta que é através do desenvolvimento de propostas de trabalhos onde o foco é o conhecimento, que pode se resgatar a moralidade discente, na

medida em que pressupõe a observância de regras, de semelhanças e diferenças, de regularidade e de exceções.

O professor e a escola devem ter por objetivo central a transmissão e recriação do conhecimento construído socialmente. O grande problema, segundo Aquino (1996) é que o professor mantém-se rígido em seu lugar de autoridade.

Aquino (1996) aponta que a relação professor-aluno não é o único foco da indisciplina escolar, mas, ao mesmo tempo indica sistematicamente as ações que devem ser desenvolvidas pelo professor e na escola como forma de busca a solução desta problemática.

Reconhece que a relação professor-aluno é tomada por ambiguidade, pois, apesar de ser uma relação assimétrica, deve ser permeado pela reciprocidade. Aponta que, o professor não é o tempo todo ensinante, mas que também aprende e deve abrir não de uma postura autoritária que não considere os conhecimentos dos alunos, negando-se a ampliar seus próprios conhecimentos com os mesmos.

Segundo (Aquino, 1996) a indisciplina escolar não é um fenômeno estático que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas. Ao contrário está “evoluído” nas escolas. Sob diversos aspectos, a indisciplina escolar, hoje, se diferencia daquela observada em décadas anteriores. As expressões e o caráter da indisciplina, por exemplo, apresentam mudanças. Não se trata apenas de uma ampliação quanto à intensidade de manifestação. A indisciplina escolar apresenta, atualmente, expressões diferentes, é mais complexa e “criativo”, e parece aos professores mais difícil de equacionar e resolver de um modo efetivo.

Um dos aspectos mais interessantes reside na alteração da natureza dominante das expressões de indisciplina na escola. Os anos 90 estão afirmando, ampliando e refinando o que poderíamos denominar de “bagunça engajada”. Isso ocorre, por exemplo, quando os alunos de uma turma de ensino fundamental, mesmo formada por grupos divergentes entre si, são capazes de se organizar e estabelecem atitudes indisciplinadas coletivas, que vão desde a prática de um mesmo tipo de tratamento evasivo durante as aulas de determinado professor, passando por estratégias para intimidar uma professora a ponto de forçar que esta abandone a escola, até processos complexos de contestação da orientação pedagógica dos professores e da escola. Não se pode afirmar, livre de um julgamento moral parcial, que este tipo de expressão seja em si mesmo “errado” e, neste sentido, represente indisciplina. Em cada caso é sempre necessário questionar qual o grau de participação da própria escola na geração de indisciplina, e não apenas assumir a posição simplista e autoritária que sugere, sem a devida fundamentação, que o problema sempre reside ou se origina na atitude dos estudantes.

Merece destaque o fato de que a escola ainda está mal aparelhada para lidar com casos isolados com “alunos indisciplinados”, e está tendo de líder com expressões coletivizadas de indisciplina. De qualquer modo tais indisciplinas devem ser vistas no contexto próprio dos anos 90, segundo suas singularidades, as quais requerem encaminhamentos diferenciados.

Os métodos tradicionais, que podem ser caracterizados pela intenção comum de exercer controle comportamental sobre a conduta dos estudantes, embora estejam consagrados ou apenas tacitamente introjetados no cotidiano de muitas escolas, mostram-se inefetivos quando utilizados com alunos que, através do próprio currículo da escola, particularmente no ensino fundamental, estão aprendendo a pensar criticamente e a contestar.

Considerando a legislação federal vigente, deseja-se a formação de aluno crítico, capaz de refletir e intervir sobre a realidade social, e exercer ativamente sua cidadania. Assim, tendo em vista a própria legislação e as diretrizes educacionais vigentes neste País, a escola deve desenvolver competências nos alunos tendo em vista tais finalidades.

Mas particularmente o exercício do pensamento crítico na forma de contestação, por exemplo, ao ser exercitado dentro da escola resulta em situações de conflito quando os professores não gostam ou não estão preparados para lidar com alunos que recorrem a esta forma de expressão.

O fato é que este aluno contestador, membro de uma sociedade que está em processo de superação de uma cultura de repressão, não se conforma as aulas que considera “enfadonhas”, “desatualizadas”, “teóricas”, ou a relações “autoritárias”, “desumanas” ou “frias”, e manifesta seu descontentamento, o qual precisa ser analisado para além do rótulo de indisciplina, e ser pensado como expressão de uma consciência social em formação.

Contudo, se desejamos que tais alunos avancem o senso de cidadania, será necessário prepará-los para pensar e resolver conflitos, ou teremos uma indisciplina no sentido de inabilidade para elaborar e participar das soluções para as questões sociais que perpassam a escola.

Outro aspecto a se destacar está no desenvolvimento da indisciplina no continuo casa-escola, que se observa particularmente entre alunos da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental. Existe um processo de realimentação, que acaba gerando uma espécie de curto-circuito quando os estudantes vêm indisciplinados de casa e retornam da escola com determinadas condutas reforçadas. De fato, nestes dois ambientes a criança pode aprender indisciplina, bem como receber reforço daquela aprendizagem. Quanto a escola esta pode, através das diversas relações cultivadas reafirmar determinadas formas de indisciplina

aprendidas em casa, bem como propiciar o espaço onde se aprendam formas de indisciplina que serão, por seu turno, reforçadas em casa.

Nessa discussão política é importante destacar um outro olhar sobre a indisciplina. Esta sendo um meio para atingir mudanças, para sair de uma relação desigual, na qual as regras valem para uns e não para outros. Aquino (1996) levanta a hipótese de que a indisciplina poderia ser sintoma de um desejo de mudanças nas relações escolares.

Trata-se de clamar de um novo tipo de relação civil, confrontativa na maioria das vezes, pedindo passagem a qualquer custo. Nesse sentido, a indisciplina estaria indicando também uma necessidade legítima de transformação no interior das relações escolar Particular, na relação professor-aluno. (AQUINO, 1996).

Todavia, os tempos são outros, o professor já não é um superior hierárquico, ou pelo menos não no mesmo nível, medo e subserviência são características não mais exclusivas dos discentes. O quadro atual parece distinto do anteriormente citado, se configurado com outras características. Segundo La Taille (2000) referenciado pelas proposições de Sennett (1979), aponta para o “declínio do homem público”, no qual cada pessoa tem se preocupado apenas com suas características pessoais. Segundo o autor o homem contemporâneo “investe todas as suas energias em si mesmo”, não se interessa pela sociedade, mas apenas pelas pessoas que fazem parte do seu convívio mais próximo. Portanto, o espaço público, assim como os papéis ligados ao público perdem seu valor.

Nesse contexto a função de professor tende a cair no desprezo, cabendo a este profissional, impor-se pelas suas características pessoais. Algumas escolas particulares entraram nesses moldes, transformando-se em grandes empresas e o aluno é o cliente que tem todo direito de reclamar se não estiver gostando, só reclamar, esse é o problema.

Caso o professor não for um personagem interessante, pode sair de cena. Ao tentar reescrever o que foi escrito anteriormente, de um modo hiperbólico, coloca-se o seguinte roteiro: uma empresa (escola particular), na qual o empregado (professor) precisa satisfazer o cliente (aluno), não apenas facilitando a apropriação do conhecimento, mas dando um show à parte. Os alunos não veem os professores como mestres que lhe ajudarão a conhecer os mistérios do mundo, até porque, como dito antes, isto não tem valor. O professor, por sua vez, não percebe nos alunos o objetivo de seu trabalho, não se vê como participante da formação de cidadãos, restringindo-se a fazer da aula uma apresentação, já que é isso, muitas vezes, o que lhe é cobrado pela escola e pela sociedade.

O privado toma as rédeas e alguns alunos consideram válido se guiar apenas por suas motivações íntimas. Portanto se a aula for cansativa, é lícito abandoná-la em prol do bate-papo na lanchonete da esquina, independente do conteúdo dado na aula e do esforço intelectual e didático do professor. O quadro que se configura na relação professor-aluno é preocupante. De um lado está o professor, altamente desvalorizado por um sistema político que pouco se preocupa com a educação, trabalhando horas a fio, submetidas a um baixo salário, sobretudo na rede pública. Perdeu-se imagem do mestre. Sociedade dos poetas mortos não existe mais, o capitão virou mais um soldado na luta pela sobrevivência.

Por outro lado ao aluno, esquecido enquanto construtor do seu saber, lhe é pedido muitas vezes que apenas reproduza uma gama enorme de estímulos, sendo esses estímulos uma enxurrada de conteúdos que ele será intimado a guardá-lo (todos eles) na sua memória, a fim de reproduzi-los nas avaliações da vida, como o vestibular por exemplo.

Além de avaliações inadequadas ao processo de ensino-aprendizagem, alguns alunos ainda se submetem a salas desconfortáveis, didática inapropriada dificultando mais que contribuindo com a construção do conhecimento.

Nesse cenário a relação professor-aluno fica permeada muitas vezes, pelo descaso, desrespeito, desacordo, falta de cumplicidade. Em minha experiência profissional já me deparei com frases do tipo: “não existe nada pior que aluno” (frase dita por um professor) e ainda “esse professor é uma besta” (frase dita por um aluno). Pode-se supor a dificuldade existente numa relação em que cada um dos envolvidos pensa no outro desta forma.

O conhecimento atualizado sobre indisciplina, até mesmo para se fundamentar a formação pedagógica dos professores para confrontá-la, constitui uma prioridade. Isto engloba a necessidade de considerá-la sob uma perspectiva própria dos anos 90. Não basta pensar a indisciplina como se constituísse um fenômeno atemporal; devemos responder adequadamente a pergunta: o que é indisciplina hoje? E isso inclui compreender melhor suas causas.

A indisciplina escolar não apresenta uma causa única ou mesmo principal. Eventos de indisciplina, mesmo envolvendo um sujeito único, costumam ter origem em um conjunto de causas diversas, e muito comumente reflete uma combinação complexa de causas. Esta complexidade é parte do perfil da indisciplina e deve ser considerada, se desejamos compreendê-la e estabelecer soluções efetivas.

Para fins de sistematização, as diversas causas da indisciplina escolar podem ser reunidas em dois grupos gerais: as causas externas à escola e as causas internas. Entre as primeiras vamos encontrar, por exemplo, a influência hoje exercida pelos meios de

comunicação, a violência social e o ambiente familiar. As causas encontradas no interior da escola, por sua vez, incluem o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola. Assim, na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina.

Segundo (Aquino, 1996) mais do que respostas prontas e normativas, enfatizarei meu ponto de vista baseado nas linhas anteriores trazidas no texto.

Configurar a indisciplina como provocada pelo outro, seja um aluno que se movimenta em sala de aula ou não respeite o pedido de silêncio do professor, seja um docente que chega atrasado ou atende o celular em sala, ou ainda, uma escola que não oferece uma sala de aula adequada; não tocará no cerne da questão, que é considerar a indisciplina escolar não como algo em si, mas como produto de interação.

Neste sentido a disciplina toma outra forma, não mais como um conformismo cego às prescrições, mais um acordo internalizado por todos, em prol de uma convivência digna e respeitosa. “(...) A disciplina, ao invés de ser compreendida como um pré-requisito para o aproveitamento escolar, é encarada como resultado (ainda que não exclusivo) da prática educativa realizada na escola” (Aquino,1996). E neste sentido, todos os atores que compõem o cenário escolar precisam se sentir responsáveis pelo desacordo que possa surgir no meio da escola.

É na tentativa de compreender qual a visão de indisciplina que circula dentro do ambiente escolar, e se esta visão internacional, defendida acima, encontra-se nos discursos dentro da escola que a teoria das representações sociais foi utilizada como suporte teórico-metodológico da pesquisa.

Durante a pesquisa elaboramos duas grandes categorias de análise; uma que analisa a indisciplina sob a ótica da psicologia institucional apresentados, neste texto por Aquino (1996).

Aquino (1996) nos remete a responsabilidade da escola enquanto instituição, que não está preparada para receber o aluno que a procura hoje. Denuncia práticas excludentes da escola que por si só e pelo confronto com os alunos, produz a indisciplina e, assim, aponta para uma não evolução da escola, diante das mudanças sócio-históricas.

Dessa forma, Aquino (1996) discute que a escola passa a receber sujeitos não homogêneos, de diferentes classes sociais, com diferentes históricos de vida e com uma “bagagem” que, muitas vezes é negada pela escola.

Segundo Guimarães (1996), expõe que a escola está planejada objetivando homogeneizar as pessoas, pois segundo ela, há quem acredite que quanto mais igual, mais fácil de dirigir. Guimarães (1996) expõe ainda que a escola tem mecanismos disciplinares que levam a disciplinarização dos comportamentos de alunos, professores e outros funcionários. Dessa forma, aponta a indisciplina como uma possível forma de resistência por parte dos alunos que não se submetem às normas impostas pela escola.

A perspectiva institucional aponta, portanto, alguns indicativos de que a indisciplina está relacionada a problemas oriundos da e na própria instituição, embora não negue a existência de que conflitos externos também intervenham na relação interpessoal na escola.

Outra perspectiva a ser abordada é a da psicologia da moralidade. Através desta perspectiva Yves de Taille (1996), defende que quando a disciplina é relacionada ao cumprimento de normas, a indisciplina pode ter relação com a desobediência às normas ou o desconhecimento delas.

Araújo (1996) ressalta que moralidade está relacionada às regras; porém, nos alerta que nem toda regra tem vínculo com a moralidade. Para que uma regra tenha vínculo com a moralidade, seu princípio deve ser o de justiça e a regra não pode ter sido imposta coercitivamente.

Em Vaz (1999), podemos perceber que a educação é o de provocar a evolução do homem. Assim, a educação se incumbiria, portanto, de conduzir o aluno ao esclarecimento. Para Vaz (1999), alcançar o esclarecimento é ter capacidade de agir autonomamente.

Para que o indivíduo alcance a autonomia moral, temos claro que é imprescindível que o ambiente a ser propícia do na escola, seja um ambiente cooperativo, pois as virtudes morais não são transmitidas verbalmente nas construídas nas relações interpessoais.

Castro (1996) aponta que para Piaget, as virtudes morais não são desenvolvidas de forma ativa, durante a infância e a adolescência e não ensinadas por transmissão verbal. Segundo Piaget, em Macedo (2005), o ser humano tem duas tendências morais invariavelmente a autonomia e a heterônoma. O desenvolvimento moral se dá pela evolução destas morais seguindo da heteronímia até a autonomia moral. Esta evolução dá-se em níveis e Piaget não garante que todo ser humano desenvolva-se de forma a atingir todos os níveis.

A evolução da heteronímia para a autonomia depende principalmente, dos fatores relacionados às experiências entre pares, das relações interpessoais que o ser humano estabelece. Desta forma pais e professores devem estar atentos sobre o “contrato” que se

estabelece nas relações, considerando que a educação é dada pelo próprio comportamento, pela própria postura e julgamento morais.

Embasados no desenvolvimento moral, segundo Piaget em La Taille (1996) :a cooperação, a solidariedade e o respeito mútuo são valores que devem fazer parte do cotidiano escolar, das relações interpessoais na escola.

Piaget em La Taille (1996), defende que temos duas alternativas: formar indivíduos autônomos e cooperativos, é necessário propiciar que ele se desenvolva em um ambiente de cooperação.

Portanto, é inevitável que a educação moral esteja presente na formação do ser humano enquanto indivíduo e que, conseqüentemente, um dos fins da educação deva ser, justamente, o desenvolvimento pleno do educando, ou seja, de suas funções mentais, através da aquisição de conhecimentos e da aquisição de valores morais.

Por receber alunos de vários lugares, de variadas características, a escola é, por excelência, ambiente socializador, e esta é a importância de se ter claro sua parcela de contribuição na formação moral de seus alunos.

Como ele, Guimarães (1996) também defende essa ideia e aponta que o professor considera que sua posição normalizadora será suficiente para apaziguar os conflitos. Guimarães (1996) aponta alternativa de solução ao professor que, segundo ela, deveria deixar de “ocupar” seu lugar para que os alunos possam viver com mais intensidade a misteriosa relação que une o lugar-escola e o nós alunos.

Segundo Aquino (1996) aponta que a relação professor-aluno não é o único foco da indisciplina escolar, mas ao mesmo tempo indica sistematicamente as ações que devem ser desenvolvidas pelo professor na escola como forma de buscar a solução desta problemática.

Reconhece que a relação professor-aluno é tomada por ambigüidade, pois apesar de ser uma relação assimétrica, deve ser permeado pela reciprocidade. Aponta que, o professor não é o tempo insinuante, mas que também aprende e deve abrir mão de uma postura autoritária que não considere os conhecimentos dos alunos, negando-se a ampliar seus próprios conhecimentos com os mesmos.

Fica claro, que a ideia a ser definida neste caso é adéqüe há necessidade de um trabalho pautado na reciprocidade e, conseqüente, na cooperação, na colaboração. Não há, neste sentido, lugares fixos a serem ocupados como aprendiz e mestre, mas um meio propício para o desenvolvimento de uma relação recíproca: o conhecimento.

Para a eficácia das ações baseadas no princípio de reciprocidade. Aquino (1996) aponta que deve haver no cotidiano escolar, um ambiente de respeito mútuo, cooperação e solidariedade.

CAPITULO II – DIAGNÓSTICO DA INDISCIPLINA ESCOLAR NA E. E. E. F. DEP. GUSTAVO AMORIM DA COSTA

A escola escolhida para a pesquisa está localizada no bairro do Cordeiro, na cidade de Guarabira, com pouco mais de 180 alunos nas séries iniciais de terceiro (3º) ao sexto (6º) e nos distribuídos nos turnos manhã e tarde (figuras 01 e 02).

Figura 01 – Fachada da E. E. E. F. Dep. Gustavo Amorim da Costa



Figura 02 – Parte interna da entrada da E. E. E. F. Dep. Gustavo Amorim da Costa



A escola com quatro salas de aula uma biblioteca, sala de informática dois banheiros, cozinha, secretaria e um pátio pequeno para atender o alunado torna-se sem espaço para atender os alunos matriculados comida de entre oito e quatorze anos. Esses alunos trazem transtornos aos professores com seus atos indisciplinares nas salas e até no pátio da escola.

As figuras 03 e 04 mostram uma brincadeira em sala de aula, onde os alunos fizeram uma dramatização de como eles veem a sala de aula no dia a dia e de como se pode mudar os comportamentos dos alunos.

Figura 03 – Alunos da E. E. E. F. Dep. Gustavo Amorim da Costa



Figura 04 – Turma da Professora Ivonete na E. E. E. F. Dep. Gustavo Amorim da Costa



Foram entregues 40 questionários para os alunos que serviram como uma amostragem da Escola, onde os alunos responderam individualmente com a máxima lisura possível com alunos do 5º e 6º anos, escolhidos devido as queixas dos professores que dizem que ocorre um maior desinteresse destes alunos nas aulas. Responderam um questionário com 10 perguntas de múltipla escolha e algumas questões de opiniões, conforme resultados apresentados na escola.

No gráfico 01, os alunos pesquisados foram um total de 40, sendo que 55% são do sexo masculino e 45% do sexo feminino. Observou-se 10 alunos do sexo masculino e 8 do sexo feminino com 10 anos, 8 alunos do sexo masculino e 6 do sexo feminino com 11 anos e 4 alunos do sexo masculino e 4 do sexo feminino com 12 anos.

Com relação ao gráfico 02, as medidas tomadas pelos professores, coordenação e gestão da escola, foram especialmente citados a suspensão e impoem limites. Observa-se que ocorre uma predominância na suspensão nos alunos com faixa etária maiores, entre 11 e 12 anos, observando-se uma falta de tolerância maior nesta faixa etária, enquanto que, com crianças de 10 anos são tomadas outras atitudes para impor limites, como a conversa ou chamar os pais para tomar ciência das atitudes de seus filhos.

Gráfico 01 – Sexo dos alunos pesquisados na E. E. E. F. Dep. Gustavo Amorim da Costa

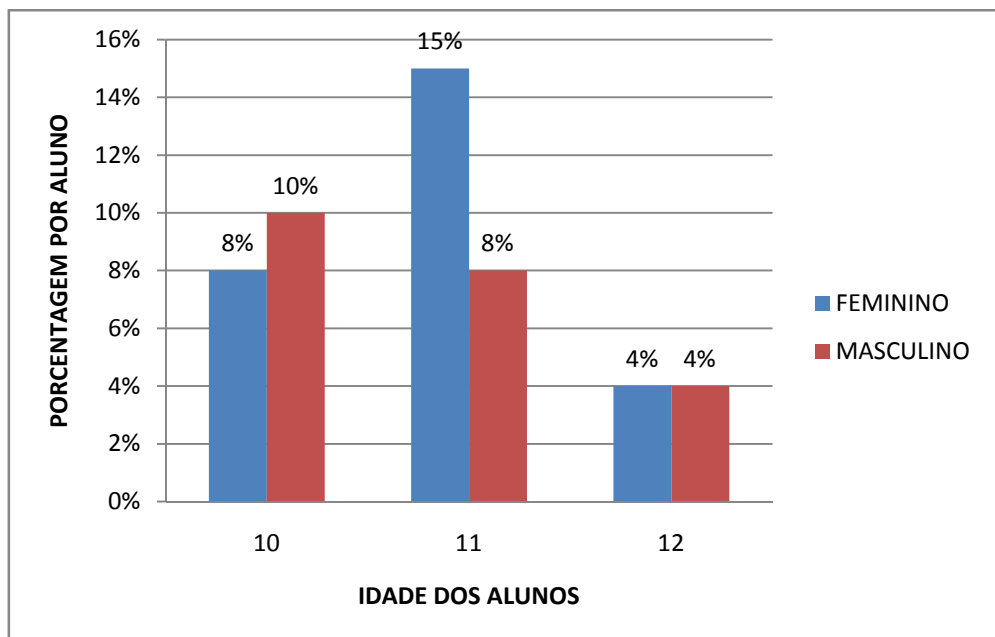
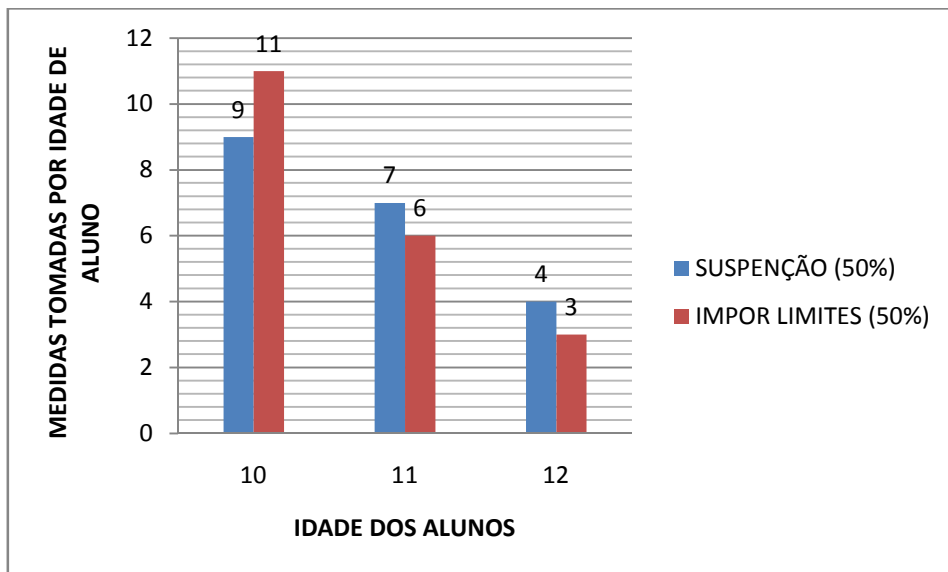
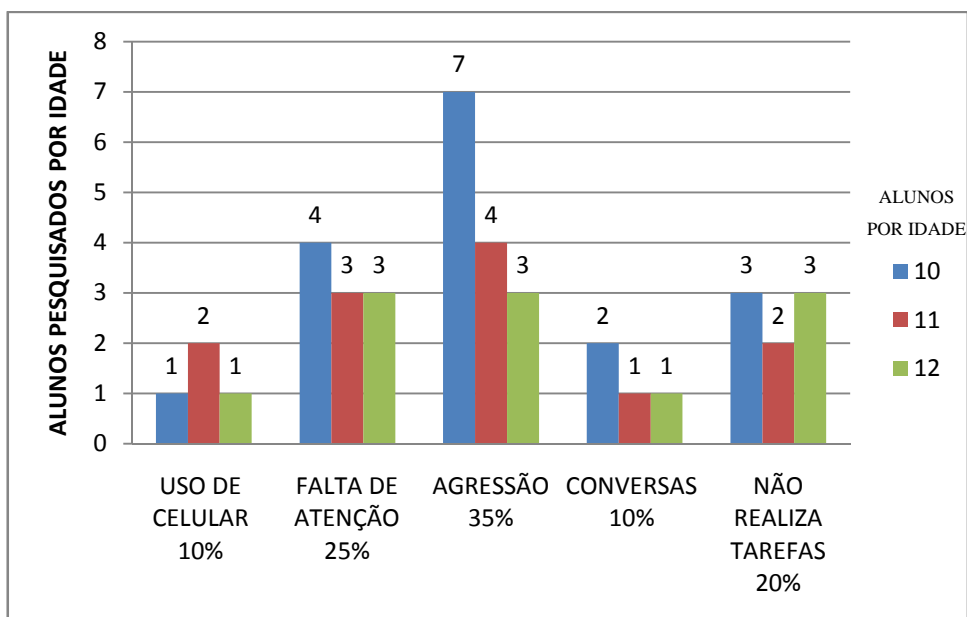


Gráfico 02 – Medidas a serem tomadas em caso de Indisciplina na E. E. E. F. Dep. Gustavo Amorim da Costa por idade de aluno



O gráfico 03 compara a faixa etária dos alunos com o tipo de indisciplina apresentada em sala de aula. Foram classificados 5 tipos de comportamentos, os primeiros citados foram o uso de celular e a conversa, ambos em torno de 10%, as tarefas não realizadas com 20%, a falta de atenção com 25% e com a maior porcentagem ficou a agressão entre os alunos e para com os professores e funcionários da escola com 35%, o que mostra que a agressividade é um fator extremamente grave nas escolas.

Gráfico 03 - Comportamentos de indisciplina por idade de alunos



O gráfico 03 mostra ainda a agressão predomina na faixa etária de 10 anos, ou seja entre os alunos menores pesquisados diminuindo progressivamente entre os alunos com 11 e 12 anos respectivamente. A falta de atenção e não preocupação com as tarefas mostram o desinteresse entre os alunos com relação as aulas e atividades de sala de aula, mostrando talvez que a metodologia deva ser revista para que haja um maior interesse dos alunos.

CAPITULO III – PROPOSTAS PARA SE TRABALHAR A INDISCIPLINA ESCOLAR, A PARTIR DOS RESULTADOS OBTIDOS

É perceptível que para alterar a relação da indisciplina com a comunidade escola, a escola comprometa-se diariamente com um ambiente de cooperação, em que o valor humano, o respeito entre todos que compõem a escola, a dignidade principalmente entre os alunos e a integridade destas relações.

A diminuição da indisciplina pode se dar entre outras coisas por meio de uma formação continuada para toda a equipe. Ao mesmo tempo, é preciso ter em mente que conflitos sempre vão ocorrer e não é possível esperar o fim da formação para resolvê-los. É importante perceber que se deve combater a causa do conflito e não apenas atribuir culpa e impor punições, e, portanto analisar o que levou as pessoas a ter dificuldade de negociar soluções justas e respeitadas. Para aliviar estes momentos de mediações se pode apresentar algumas estratégias.

- Valorizar honestidade principalmente na relação entre docentes e discentes, pois os alunos devem aprender que o que têm a dizer pode de certa forma ofender o professor. Mas, em qualquer circunstância, em vez de ser punido por ter sido autêntico, ele deve ser orientado a perceber que o sentimento de bem-estar por ter seguido o valor da verdade é o que mais conta.

- O professor não deve agir de improviso, mantendo-se calmo e controlando suas reações. De modo geral, os problemas não precisam ter uma resposta imediata por parte da equipe escolar. Neste caso, agir de improviso pode levar a atitudes pouco adequadas.

- A responsabilidade do professor é imensa, pois deve saber reconhecer sentimentos e orientar os comportamentos dos alunos. Assim, ficar bravo e com raiva é uma reação natural de qualquer ser humano e deve ser evitado pelo professor para orientar melhor os alunos. Dizer ao aluno "você não pode se sentir assim" ou "você não pode ficar com raiva do seu amigo" é, portanto, inadequado. Oriente-o dizendo algo do tipo: "Você deve mesmo ter ficado muito bravo, mas bater no colega resolveu o problema?" "Deve ser assim que devemos agir na vida?".

- Acreditar que o conflito pertence aos envolvidos, porém não significa aceitar qualquer alternativa de resolução ou alienar-se do problema. O professor deve ser um mediador, ajudando os alunos a descrever o problema, incentivar que falem sobre os sentimentos e as ações e busquem soluções, sempre incidindo sobre a causa e respeitando princípios.

O trabalho de conscientização para melhora dos comportamentos na escola, tanto por parte dos docentes como discentes deve ser no mínimo em um ano, com reuniões semanais no horário de trabalho coletivo. Mesmo assim, os problemas não acabam depois desse período e o objetivo é que todos aprendam a lidar com eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos revelam que a indisciplina é tratada pelos professores como algo que eles não têm responsabilidade, desvinculados do trabalho docente, no qual o professor é a autoridade máxima da sala, mas que não controla algumas situações de indisciplina e em alguns casos de agressividade.

O método de pesquisa através de questionário possibilitou aos alunos perceberem as várias maneiras de indisciplina na sala de aula com um olhar diferente e participativo. A indisciplina na escola foi analisada principalmente do ponto de vista do aluno e do professor.

Percebeu-se com os dados analisados que a maior parte dos alunos que apresentavam indisciplina ficava na faixa etária de 10 anos, principalmente do sexo masculino. A agressão foi a pior forma de indisciplina perceptível entre os entrevistados e que deve ser estudado uma melhor forma de reduzir em sala de aula.

Existem várias maneiras de reduzir a indisciplina, mas o que chama a atenção é para a conversa individual com honestidade e tratando os alunos com muito respeito, sem punições de cima para baixo, apenas com conversa franca e decisiva. Enfim, a indisciplina faz parte do contexto escolar, mas deve tratada com cautela e planejamento específico entre os discentes para diminuí-la.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Júlio Groppa. **A desordem na relação professor aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento.** In: _____. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- CASTRO, Lúcia Rabelo de. **O Lugar da Infância na Modernidade** – In: Psicologia: Reflexão e Crítica – Porto Alegre, 1996, v.9, n. 2, p. 307-335.
- ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula.** 2.ed. Porto: Editora Porto, 1994.
- HOBSBAWM, E.J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra,
- LA TAILLE, Yves de. **A indisciplina e o sentimento de vergonha.** In: AQUINO, Júlio Groppa. (Org.) indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- GARCIA, J. **Indisciplina na escola.** Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.
- GIANCATERINO, Roberto. **Escola, professor, aluno: Os participantes do processo educacional.** São Paulo: Madros, 2007.
- GUIMARÃES, A. **Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola.** Indisciplina na escola. São Paulo: Summus, 1996.
- MACEDO, Lino de. **Disciplina é um conteúdo como qualquer outro.** Nova escola, São Paulo: n. 183, p. 24-26, jun./jul. 2005. Entrevista concedida a Márcio Ferrari.
- PIAGET, Jean. **A coação adulta e o realismo moral.** In: _____. O juízo moral na criança. São Paulo: Summus, 1994.
- SENNETT, R. **Narcisismo y cultura moderna.** Barcelona: Kairós, 1979.
- SILVA, Luciana Afonso Soares. **Indisciplina escolar: possíveis causas e soluções.** Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Alexânia-GO, 2013. 36 f.
- TACCA, M. C. V. R. (Org.) **Aprendizagem e Trabalho Pedagógico.** Campinas, SP: Alínea, 2006.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** São Paulo: Libertad, 1994.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Ética kantiana.** Escritos de Filosofia IV: Introdução à ética Filosófica I. São Paulo: Loyola, 1999.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS DE GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

DIAGNÓSTICO DA INDISCIPLINA ESCOLAR NA E. E. E. F. GUSTAVO AMORIM
DA COSTA – GUARABIRA/PB

Qual é a sua idade?

Qual é seu gênero? masculino feminino

Você mora com quem?

pai e mãe só mãe só pai
 avós tios outros

Qual? _____

Já alguma vez participou de algum caso de indisciplina em seu percurso escolar?

sim não

Se respondeu sim, indique o(s) motivo(s)?

não conseguia ficar quieto
 queria irritar o professor
 queria chamar a atenção de alguém
 não queria prestar atenção na aula
 queria ficar fora da sala de aula para conversar com seus colegas
 estava triste
 não gosta de ir para a escola
 outro. Qual? _____

De acordo com sua opinião, sinalize com um X o grau de importância dos seguintes tipos de indisciplina:

INDISCIPLINA	NORMAL	POUCO GRAVE	GRAVE	MUITO GRAVE
Usar o celular durante a aula				
Não prestar atenção na aula				
Agredir verbalmente um colega				
Agredir verbalmente um professor				
Agredir fisicamente um colega				
Agredir fisicamente um professor				
Conversar durante a aula				
Não fazer as tarefas propostas na aula				
Não fazer as tarefas propostas para casa				

Qual é a medida mais adotada, em sua escola, como medida educativa após um ato de indisciplina?

- Não é feito nada
- Repreensão verbal
- Repreensão escrita para os pais / responsável
- Suspensão do direito de ir à escola por período determinado
- Não sei responder
- outro. Qual? _____

Você considera as medidas adotadas pela escola as mais adequadas? sim não

De acordo com sua opinião, quais medidas poderiam ser tomadas nos casos de indisciplina?

De acordo com sua opinião, o que pode ser melhorado na escola para diminuir os casos de indisciplina?